



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

IVO ARDAIS WORTMANN

(depoimento)

2014

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-400

Entrevistado/a: Ivo Ardais Wortmann

Nascimento: 10 de Março de 1949

Local da entrevista: residência do entrevistado, Porto Alegre - RS

Entrevistador/a: Pamela Siqueira Joras

Data da entrevista: 1/04/2014

Transcrição: Eliana Ribeiro de Freitas

Copidesque: Suélen de Souza Andres

Pesquisa: Eliana Ribeiro de Freitas e Pamela Siqueira Joras

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: quarenta e nove minutos e cinquenta e três segundos

Páginas Digitadas: 20 páginas

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

A inserção no esporte; a influência da família; o início no Grêmio Foot-ball Porto Alegre; o curso de Educação Física; a transição de jogador para técnico; A trajetória como técnico no exterior; a participação nos Jogos Olímpicos; A situação do futebol no Estado do Rio Grande do Sul; A repercussão e a experiência Olímpica; A repercussão de sua trajetória na cidade natal.

Porto Alegre, 01 de abril de 2014. Entrevista com Ivo Ardais Wortmann a cargo da pesquisadora Pamela Siqueira Joras para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

P.J. – Primeiramente eu gostaria de agradecer pela disponibilidade em nos conceder essa entrevista. E para iniciar nos conte como foi a tua inserção no esporte e quando o senhor começou a jogar, a ter envolvimento com o futebol?

I.W. – Eu que agradeço essa oportunidade, e de uma forma ou outra ajudar vocês neste trabalho, que é muito legal. Fazer o resgate do passado. Eu me sinto privilegiado de fazer parte disso. A minha família sempre foi esportista, começou com a minha mãe e o meu pai que praticavam esportes e depois eu fiz aquela trajetória normal de um menino, de frequentar clube, jogar bola, aquela coisa toda, e depois na adolescência joguei na várzea de Porto Alegre, joguei o praiano, futebol de salão e com esses esportes amadores tive convites para jogar na categoria de base de Grêmio¹ e Inter². Embora nunca tenha ido, pois meu pai não deixava porque a prioridade era o estudo. Quando eu fiz o vestibular para Educação Física, com 20 para 21 anos o Rudy Armi Petry, dirigente do Grêmio perguntou se eu não queria fazer um teste para a equipe. Fui lá para brincar, porque na realidade nunca quis ser um jogador de futebol. Fiquei surpreso porque era para eu ficar duas semanas, mas no décimo dia assinei um contrato, me tornei atleta profissional entre 20 e 21 anos. No entanto, fui um pouco prejudicado no Grêmio, porque minha prioridade era me formar, o que acabou acontecendo. Também me orgulho muito de depois ter ido pro América³ do Rio de Janeiro e ter feito lá mesmo o curso de Administração Esportiva, na PUC⁴, depois, fiz também a Técnica Desportiva em Futebol, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Consegui, mesmo sendo difícil conciliar a formação profissional com o esporte de alto nível e competitividade que é o futebol. Com 30 anos de idade, naquela época jogador com 30 anos era considerado velho, resolvi encerrar minha carreira até porque queria voltar para Porto Alegre, tinha um filho recém-nascido, e outro com quase um ano. Então com 30 anos de idade parei.

¹ Grêmio Foot-ball Porto Alegrense.

² Sport Club Internacional.

³ América Football Club, time fundado no Estado do Rio de Janeiro.

⁴ Pontifícia Universidade Católica.

P.J. – Teve alguém em especial que influenciou o começo da sua carreira?

I.W. – Tive um treinador no Grêmio que marcou muito, se chamava Otto Glória⁵. Era um brasileiro que viveu muitos anos na Europa, foi treinador da Seleção de Portugal e veio dirigir o Grêmio. Eu estava naquela indefinição, porque estava estudando, me formei e ao mesmo tempo jogando. Coincidentemente quando me formei, ele disse assim: “Quando eu sair do Grêmio eu vou te levar pra qualquer clube que eu for”. Ele me levou para o América, fui trocado pelo Tarciso⁶. O Tarciso foi para o Grêmio e eu para o América, deu certo para mim lá, e deu certo pra ele aqui. Formalizaram a troca e sim, posso dizer que me vesti de atleta profissional, encarei mesmo, porque estava dando certo.

P.J. – O senhor falou que para seu pai a prioridade era o estudo. Foi ele que direcionou o senhor para a Educação Física ou foi uma opção sua?

I.W. – Não, na real terminei o científico no Julinho⁷ e não sabia o que iria fazer, eu estava totalmente perdido. Hoje essa gurizada, normalmente já direciona para alguma coisa, fiz vestibular para Medicina e não passei, mas me realizei porque sempre fui ligado ao esporte. Sempre fui um esportista, desde guri⁸, e queria através da Educação Física, montar um negócio próprio com algum dinheiro que tivesse ganhado com o futebol, não dar aula, algo que fosse, naquela época, uma academia, quadra de tênis... Mas o futebol, como se diz, é uma cachaça, porque eu parei de jogar, voltei ao Rio Grande do Sul, tinha feito concurso para o estado do Rio Grande do Sul, passado como professor, no entanto um colega meu falou: “o pessoal do Grêmio perguntou por ti, eles querem te conhecer, tu não queres trabalhar com as categorias de base?” Eu estava dando aula na escola João XXIII, uma escola de Canoas⁹, e outro aqui no centro de Porto Alegre. Tinha uns quatro empregos, pois eu estava iniciando na categoria de base e as coisas foram acontecendo no Futebol. No final do ano, já estava treinando o Juniores, depois fui para Seleção Gaúcha de Juniores. As coisas foram acontecendo e fui “remando conforme a maré”.

⁵ Otaviano Martins Glória, mais conhecido como Otto Glória, foi treinador do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense de 1971 a 1972.

⁶ O mineiro José Tarciso de Souza, que ficou conhecido como “Flecha Negra” devido a sua velocidade. Jogador importante para o Grêmio na conquista do Brasileirão e Libertadores no ano de 1981 e do Mundial em 1983.

⁷ Colégio Estadual Júlio de Castilhos, situado na cidade de Porto Alegre, RS.

⁸ Termo regional, do Rio Grande do Sul, para designar menino.

⁹ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

P.J. – Nessa sua passagem pela UFRGS¹⁰ o senhor participou de equipe universitária ou alguma competição universitária?

I.W. – Eu fui vice-campeão brasileiro e campeão gaúcho, universitário. A minha dupla de zaga era o Luís Felipe¹¹.

P.J. – Tem alguma instituição ou equipe que o senhor destacaria?

I.W. – Olha, vou te dizer uma coisa. Têm gente que não acredita nisso que vou te dizer, mas é verdadeiro. Todos nós, até certa idade, temos uma preferência de clube, as vezes até influenciado pela família. Quando tu entras nesse ambiente profissional, é incrível, parece que tu te desligas da paixão e entra na razão, no profissionalismo. Agora, o que marca na carreira da gente são lugares que tu foste respeitado, que tu tiveste condições de trabalho. Então esse clima de acreditar no teu trabalho, de amizade, isso te marca. Eu tive isso em alguns clubes, trabalhei em grandes clubes do futebol brasileiro, mas me identifiquei com o Juventude¹² e com o Curitiba¹³. São os clubes que sigo mais.

P.J. – Como foi a sua transição de jogador para técnico, quando o senhor decidiu que iria se tornar técnico?

I.W. – Isso é assunto para estudo, porque não quis ser jogador de futebol. Meu pai era funcionário do Banco do Brasil, então tive uma vida de classe média, boa. Vamos dizer que em torno de 90% dos jogadores de Futebol a origem é diferente. Tiveram dificuldades maiores que eu tive. Então nem posso me queixar, mas te digo que é difícil, porque você se acostuma com o tipo de atividade e o futebol te oferece muito. Esqueça o aspecto financeiro, mas o futebol me proporcionou viajar o mundo inteiro. Depois que me tornei treinador, viajei com minha família. Se eu tivesse uma vida normal não teria condições de conhecer os países que conheci, que o futebol me proporcionou. E o grande problema desse período de transição é que se tu não tens base de preparo. Por exemplo, quando parei

¹⁰ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹¹ Luiz Felipe Scolari.

¹² Esporte Clube Juventude.

¹³ Curitiba Foot Ball Club.

de jogar, já era formado em Educação Física, então na pior das hipóteses teria outra atividade, agora a maioria dos atletas não. Porque o futebol não te dá tempo para estudar, lá no América era dispensado da concentração para poder ir à aula. Têm clubes que não aceitam isso. Esses jogadores param de jogar, tu se tornas um atleta, uma pessoa pública e queira ou não queira, é muito legal jogar com estádio cheio, lidar com o carinho do torcedor, isso não tem dinheiro que pague. Tu imaginas isso tudo para uma pessoa que não tem estrutura, que não está preparado para quando isso acabar?! É um perigo, porque ele fica perdido, muitas vezes ele acaba no álcool, para outro rumo, ou até, por exemplo, ele não consegue sair nunca daquele papel que teve, não consegue entender que existe o “ex” e que as pessoas, algumas se lembram de ti, mas a juventude da época nem sabe quem tu és. Então se tu não tiveres preparado para sair do papel de “celebridade”, uma pessoa pública, tu pira, porque achas que as pessoas irão, sempre, te tratar do mesmo jeito, mas a vida não é assim, tu precisas “virar a página”. Por exemplo, teve gente que me disse assim: “Bah, tu vai sentires falta do futebol”. Digo, vou me testar porque queria ter uma qualidade de vida que não tive até hoje. Nunca tinha final de semana, não podia passar o veraneio na praia. Eu tenho uma casinha de final de semana, aqui perto, no Guaíba¹⁴. A gente vai para lá, no fim de semana, ficava um ano sem ir lá. Então eu não usufruía de coisas que a vida me esperava. Tomei a atitude de parar, teve gente que duvidou de mim, consegui vencer isso. Hoje tenho uma qualidade de vida muito boa. Tudo tem um limite, o problema da gente é não saber parar. Por exemplo, tenho 64 anos, vou indo, daqui a pouco, te contei essa história de que não tive isso, aquilo e que isso é importante na vida. Daqui a pouco vou até os 70 anos e vou querer aproveitar e não vou ter disposição. Vou dar meu dinheiro para os médicos. Hoje vou à academia todos os dias; entrei em um grupo de corrida, corro rústica, já fiz meia maratona, com essa idade. Optei trocar trabalho por qualidade de vida. Até porque a minha vida em alguns aspectos ficou mais tranquila. Tenho três filhos, dois estão casados, o mais velho nos deu uma neta e o mais jovem tem 20 para 21 anos e está no quarto ano de Engenharia Elétrica na UFRGS, é o único que mora com a gente. Minhas despesas diminuíram e minha vida é simples, sempre foi simples. Tem gente que diz “Pô, Por que tu não fazes isso, aquilo?” Nunca fui de ostentar, por vaidade, isso não faz meu perfil.

P.J. – E teve algum fato especial que levou o senhor a se tornar técnico?

¹⁴ Lago do estado do Rio Grande do Sul.

I.W. – A historinha que te contei de jogador de futebol tem a ver com treinador. Parei de jogar, vim para cá e pensava assim: nunca mais quero passar perto de campo de futebol porque é estressante, por um lado é muito bom por estar investindo na saúde, mas por outro é muita cobrança, muita pressão. Nisso chegou um amigo meu e falou: “o pessoal do Grêmio quer te conhecer, tu não queres começar lá no juvenil?”, fui. No final do ano estava no Juniores e me colocaram de treinador da Seleção Gaúcha de Juniores, nessa época o Dunga¹⁵ foi meu jogador. Ganhamos o campeonato. O Evaristo de Macedo¹⁶ me chamou para ir ao Catar, comecei meus quase 11 anos de mundo Árabe, intercalando com algumas voltas para o Brasil. As coisas aconteceram assim: eu não procurei ser jogador de futebol e fui, não procurei ser treinador e fui, porque as coisas aconteceram.

P.J. – Nessa sua passagem pelo futebol gaúcho e paulista. Pelo futebol brasileiro e internacional. O que chamou mais a sua atenção nos clubes por onde passou, tem um ponto importante de destaque no Futebol?

I.W. – Muitos. Vou te dizer uma coisa, não saio de casa hoje, porque a tarde tem Barcelona¹⁷ e Atlético Madrid¹⁸ pela Champions League¹⁹. Para mim, olhar um jogo desses aqui e olhar um jogo do campeonato gaúcho, é outro esporte. Porque o jogo espanhol é um esporte de alta qualidade, alta competitividade, de muita dinâmica, de muita intensidade, de um nível superior. O Campeonato Brasileiro²⁰ tem grandes jogos, no entanto, não são todos, não é a maioria. Acho que o momento que o futebol brasileiro atravessa tinha que parar e se reciclar. Não existe país no mundo que tenha mais matéria prima que o Brasil, mas por outro lado o brasileiro se acomoda nisso e acha que o que ele tem é suficiente para ganhar o jogo na hora que ele quiser e quando quiser. Então o jogador brasileiro não acredita em treinamento, na parte tática. Ele acredita no potencial que ele tem. Tanto é que a maioria dos jogadores brasileiros aprende isso quando vai para Europa, porque lá na Europa não tem o paternalismo que tem aqui. Por exemplo, hoje vai jogar o Barcelona, vê

¹⁵ Carlos Caetano Bledorn Verri.

¹⁶ Evaristo de Macedo Filho.

¹⁷ Futbol Club Barcelona.

¹⁸ Club Atlético de Madrid.

¹⁹ UEFA Champions League (UCL), sucessora da Coupe des Clubs Champions Européens.

²⁰ Campeonato Brasileiro de Futebol.

o Neymar²¹ jogando no Barcelona acompanhando o lateral. Se eu fosse o treinador do Santos²² e dissesse para o Neymar: “*marca o lateral*”. Ele me “derrubava”, a imprensa me “derrubava”. Diriam que sou louco. Porque lá não tem paternalismo, o jogador é contratado. Rendeu? Rendeu. Não rendeu, contrata outro. No Brasil é diferente, aquele cara que tem um potencial privilegiado, tem regalias. Isso queira ou não, cria uma situação que não é legal. Mais um exemplo é o Paulinho²³, Paulinho foi para o Tottenham e está na reserva. Imagina se colocam o Paulinho na reserva aqui do Grêmio, os caras “derrubam” o treinador. O Brasil deveria se reciclar em termos da exigência do futebol atual. O Brasil tem uma chance de ganhar a Copa do Mundo de Futebol porque é aqui, por causa do torcedor brasileiro. Mas se fosse em outro país sede não acreditaria.

P.J. – Em relação ao futebol gaúcho, como o senhor avalia a situação desse esporte atualmente?

I.W. – Primeiramente vejo que o futebol hoje é um negócio que envolve muito dinheiro e interesse, tanto que o futebol é o terceiro segmento no mundo em termos de rotatividade e circulação de dinheiro. Tem muita gente no futebol usufruindo disso, que nunca teve um futebol. Hoje não existe mais a identificação do jogador com o clube, antigamente se relacionava o clube de futebol com o jogador. Por exemplo, o Flamengo²⁴ do Zico²⁵; o Santos do Pelé²⁶; o Vasco²⁷ do Dinamite²⁸; o Inter do Falcão²⁹, do Figueroa³⁰; o Grêmio do Renato Portaluppi. Não existe mais isso. Essa identificação desapareceu. Hoje é muito comercial e profissional. O futebol gaúcho, no momento, precisa voltar a conquistar títulos brasileiros. Hoje o futebol gaúcho tem dois campeões mundiais: Grêmio e Inter. Mas, quando começa a passar o tempo depois da última conquista, começa a cobrança. Nesses últimos campeonatos, por exemplo, apesar de o Grêmio ter sido vice – campeão brasileiro foi um time contestado, não apresentou um bom nível de futebol. O Internacional teve perigo de cair até o final. Nesses campeonatos regionais eu acho um absurdo um time

²¹ Neymar da Silva Santos Junior.

²² Santos Futebol Clube.

²³ José Paulo Bezerra Maciel Junior.

²⁴ Clube de Regatas do Flamengo.

²⁵ Arthur Antunes Coimbra.

²⁶ Édson Arantes do Nascimento.

²⁷ Club de Regatas Vasco da Gama.

²⁸ Carlos Roberto de Oliveira.

²⁹ Paulo Roberto Falcão.

grande como Inter e/ou Grêmio, por exemplo, ter que abrir um estádio que custa uma fábula para jogar contra um time do interior que não tem expressão. Acho que tinha que mudar esse formalismo porque hoje o futebol é arrecadação, é patrocínio. Hoje os interesses são outros, até porque no interior as pessoas não têm o dinheiro que tinham antigamente. Atualmente não é qualquer empresa que acredita em um projeto. Hoje uma empresa te ajuda se tu trouxeres ganhos para ela. O Grêmio e o Inter precisam retomar aquele lugar do cenário brasileiro que eles tinham há alguns anos atrás.

P.J. – O senhor passou um bom tempo no exterior como treinador. Como foi a sua volta para o Rio Grande do Sul?

I.W. – Não estranhei tanto porque tive atos. Vou dar um exemplo a você: fui para o Catar e fiquei quase dois anos, quando voltei e pensei que iria ficar por aqui (RS) o Parreira³¹ me convidou para trabalhar com ele nos Emirados. Emendei. Voltei e passei mais um tempo aqui. Em termos de futebol, foi um aprendizado, porque tive o privilégio de trabalhar sete anos na Arábia Saudita e em países Árabes que faziam pré - temporada na Europa. Um mês perto de Londres e jogávamos contra o Tottenham, Arsenal, Queens Parks Rangers. Depois ficamos um mês em Portugal jogamos contra Porto, Benfica independente da faixa etária. Eu e o Parreira dirigíamos a seleção sub 17 e a sub 20. Tive a oportunidade de conhecer pessoas muito importantes no futebol, sempre fui estudioso, anotava treinamento. Depois quando eu trabalhei nos EUA, o lugar que tu tens o maior acesso em bibliografia de treinamentos de futebol. Eu tenho oito CD's que equivalem a um livro de 300 páginas de treinamento. Uma variedade incrível de treinamentos para chegar ao mesmo objetivo e em objetivos diferentes. Para mim foi um grande aprendizado. Já a maior dificuldade que tive nessa ida, nessa volta foi segurança. No mundo Árabe tu podes deixar a porta do carro, o vidro aberto, a tua carteira à vista. Tu podes sair na rua a qualquer hora. É um paraíso e ao mesmo tempo tu te sentes em uma prisão domiciliar bem paga porque quando tu chegas, no mundo Árabe, precisas entregar o passaporte e só recebe o passaporte quando vais viajar e precisa dele. Isso te dá uma sensação de impotência, pois se tu precisas sair as pressas, se um familiar adoecer, não se sabe se é possível sair a tempo. No entanto, eles adoram brasileiros, eles nos tratam muito bem. No Catar, deixava meus filhos brincando,

³⁰ Elias Ricardo Figueroa Brander.

³¹ Carlos Alberto Gomes Parreira.

não se tinha preocupação com as crianças correndo por aqui ou por ali. Quando chego aqui, fico apavorado. Me deu uma insegurança que disse: “Bah! Estou louco pra voltar para o Catar”. A gente pega o jornal ou assiste o Jornal Nacional é pior ainda. Então esse foi o meu maior problema. Quando cheguei aqui vindo do mundo Árabe, aqui eu era treinador das categorias de base, lá eu ganhava um salário, vamos dizer bom em relação ao salário que eu ganhava na base do Grêmio, mas nada absurdo. Então quando tu vens do mundo árabe os caras: “Ah! Petrodólar”, eles pensam que tu estás milionário. Sentia medo que alguém quisesse sequestrar meu filho. Parece neurose, mas não era.

P.J. – Enquanto o senhor estava por lá participaste dos Jogos Olímpicos, como foi essa experiência?

I.W. – A primeira fase nós jogamos em grupos, nos países do Golfo da Ásia. Depois de termos nos classificado. As oito melhores seleções da Ásia foram para a final em Kuala Lumpur na Malásia. Conseguimos nos classificar junto com o Japão e Coréia do Sul. Foi muito legal porque foram fases, a gente ultrapassava os obstáculos, passava para outra fase e nessa etapa ficamos 15 dias em competição na Kuala Lumpur, sendo todos os jogos decisivos. Bah, terminado a classificação, classificamos em cima, pois ganhamos do Iraque por 2 a 1. Isso me deu uma sensação de alívio. Depois dos jogos Olímpicos não existe dinheiro que pague o espírito Olímpico, bah. Aqueles jogadores profissionais do basquete americano. Ficamos junto com a Nigéria, com aqueles caras profissionais: Kanu, Amokachi. Eles têm um comportamento extremamente amador, enquadrado dentro do espírito da competição. Foi um privilégio. É algo que te arrepia. Os Jogos Asiáticos³² no Japão me arrepiaram também. Muito legal.

P.J. – E como foi a participação da sua equipe nos jogos?

I.W. – Nós caímos em um grupo complicado de competir, porque era o grupo da Espanha, que tinha o Raúl³³, o maior ídolo do Real Madrid, além dele, Mendieta, Oscar³⁴, Lardin³⁵, jogadores que já estiveram no profissional de Barcelona, do Real Madrid. Depois caímos

³² Evento multiesportivo que acontece a cada quatro anos com a participação de esportistas de todos os países do continente asiático.

³³ Raúl González Blanco.

³⁴ Nome sujeito a confirmação.

com Espanha e França, Thierry Henry, Patrick Vieira³⁶, esses caras todos. Por último pegamos a Austrália, que vamos dizer assim, esse era o nosso nível. Empatamos com a Austrália: 2 a 2. Perdemos para Espanha: 1X0, tomamos o gol quando faltavam oito minutos para o término do jogo. Perdemos para França: 2 a 1. Não nos classificamos. De cada grupo classificavam dois times, no nosso foram França e Espanha. Acho que era muita pretensão, mas tivemos bons jogos lá.

P.J. – Como foi participar por outro país, sendo um brasileiro, vendo o Brasil competir?

I.W. – Para mim foi um pouco frustrante, porque como o nosso grupo era em Miami e Orlando, assisti aquela derrota do Brasil para o Japão. Brasil eliminado. A proximidade do grupo do Brasil com o nosso fez com que a gente tivesse a oportunidade de assistir ao jogo e foi muito frustrante. De resto só tenho boas lembranças.

P.J. – O que mais chamou a atenção durante sua participação, durante a chegada ou durante a competição?

I.W. – Um fato altamente positivo foi como um atleta profissional entra no espírito Olímpico. É impressionante. Acho que ninguém diz para ele que ele não pode usar patrocínio, que não pode isso ou aquilo. Eles entram no espírito, se tornam amadores. Fiquei impressionado com isso. Grandes atletas do mundo caminhando na vila Olímpica integrado com atleta desconhecido sem nenhuma pompa, sem nenhum privilégio. Isso foi o que mais me impressionou.

P.J. – Tem algum ponto negativo que o senhor destacaria dessa competição?

I.W. – Nada. A única coisa é que por ter sido nos EUA, ficava um pouco preocupado com algum atentado, por sermos uma equipe do mundo Árabe. Pois mesmo sendo na vila Olímpica e sendo atleta, para sair e entrar era um parto. A segurança te revistava intensamente.

³⁵ Nome sujeito a confirmação.

³⁶ Nomes sujeitos a confirmação.

P.J. – Tem mais alguma coisa sobre os jogos que o senhor queira compartilhar?

I.W. – A gente ficou 15 dias treinando em New Jersey, perto de Nova York, muito legal lá. A Arábia sempre ostentou, então ficou em lugares indescritíveis em termos de hotel. Outra coisa que achei marcante foi que neste período que ficamos ali tivemos a oportunidade de conhecer a Atlantic City, cidade dos cassinos. Depois que viajamos lá para se integrar a Olimpíada, nos limitávamos a ficar na Vila Olímpica. Foi legal que meus dois filhos mais velhos foram em uma excursão, nos encontramos no jogo e até voltamos juntos para o Brasil depois das Olimpíadas. Foi muito legal.

P.J. – Como foi a repercussão desses jogos na sua carreira como treinador?

I.W. – É uma coisa que marca. Ajudas-te no currículo. Ter trabalhado e conseguido junto com a comissão técnica, com toda a equipe, classificar um país sem muita tradição no futebol para uma competição desse nível. Isso é marcante.

P.J. – De acordo com seu relato o senhor atuou nos EUA. Lá o futebol é um pouco mais direcionado para as mulheres e nessa cultura o destaque é o futebol americano. Como era a situação do futebol, atuar como treinador nesse país?

I.W. – Fui desenvolver um projeto, nos EUA, indicado pelo Parreira. A maior evento da Adidas nos EUA. O projeto era expor os 100 melhores atletas da Universidade *Meajor League Soccer*, durante um mês. Deu tudo certo, fui um treinador convidado e integrei-me muito bem com os treinadores americanos. Conheci gente muito importante. O negócio foi tão bom que me convidaram para mais uma semana no evento dos 100 melhores jogadores da *High School*³⁷, que seria o primeiro e segundo grau aqui, para os treinadores da Universidade. A primeira coisa que te choca é que nós brasileiros chamamos de futebol, para os norte – americanos é *Soccer*. Às vezes esquecia-me e falava futebol. No entanto, não, é *Soccer*. Segundo, é que na maioria dos países, ou na totalidade, têm a preferência de todos. Nos EUA o *Soccer* compete com esportes muito tradicionais como o Basquetebol, o Beisebol, o Futebol Americano, o Golfe. São esportes bem atraentes e de grande participação dos EUA. Mas o *Soccer* no EUA é o esporte número um se tu juntar o

feminino com o masculino. É o esporte número um em termos de quantidade de participantes, embora não seja a preferência nacional. A *Meajor League Soccer* foi pra mim uma experiência muito legal, porque fiz o curso de técnica desportiva do futebol, fiz administração desportiva, que é o diretor de futebol remunerado, nunca exerci isso. Em Outubro até recebi um convite do Grêmio para ser o diretor de futebol remunerado. Não quis porque não quero voltar para algo que já larguei. E eu to feliz. Se fosse pelo dinheiro iria, mas não é isso que eu estou querendo. Lá, o treinador é *manager*, então ele trabalha meio turno como treinador e no outro meio turno ele vai para o escritório do clube trabalhar, porque o americano investe muito em *marketing*, considera o time como um produto. Então como o treinador tem o dia a dia com o atleta, conhece a todos individualmente. Ele que passa as informações para o departamento de *marketing* e venda, para vender o produto. Isso no Brasil não existe. No Brasil se fala em direito de imagem, os clubes brasileiros não usam o direito de imagem. Eles fazem o jogador ou o treinador fazer uma firma que é para diminuir os custos, mas não é para usar a imagem. O Brasil não usa imagem do atleta. O europeu sabe fazer isso e o americano melhor ainda. Foi uma experiência muito legal. O Valderrama³⁸ foi meu jogador lá, isso é, tive jogadores conhecidos que no final de carreira vão para os EUA, porque agora está diferente, os jogadores não estão em final de carreira, estão jogando lá, como é o caso do Julio Cesar³⁹ goleiro, mas quando saí de lá a média de público era de 17000 pessoas. O Brasil não atinge esse público no campeonato brasileiro e o americano acha pouco. É um absurdo, porque, por exemplo, você vê um jogo aqui, do Gauchão⁴⁰ com apenas 90 pessoas.

P.J. – Durante a sua carreira, com todos os contatos que o senhor fez, não há vontade de voltar?

I.W. – Há um filme que embora não tenha visto, retrata bem isso. Um professor da engenharia usou este exemplo com o meu filho: “São dois anos de cálculo, se tu suportares esses dois anos tu vais adiante, mas durante isso entrará em cena aquele bichinho que tu viste no filme Tropa de Elite que perguntava: “tu vai sair?”. Não sei se era exatamente isso que se dizia no filme, mas consegui vencer esse bichinho, assim como meu filho

³⁷ Uma etapa do sistema educacional norte-americano para jovens entre 14 e 18 anos de idade em média.

³⁸ Carlos Alberto Valderrama Palacio.

³⁹ Júlio César Soares de Espíndola.

⁴⁰ Campeonato disputado por clubes de futebol que têm sede original no Rio Grande do Sul.

conseguiu. Quase dei umas vaciladas, mas venci. Tive uma chance no ano passado, um empresário internacional convidou-me para participar de um projeto no Cazaquistão, ele é o responsável por toda a composição do Shakhtar Donetsk, que levou 12 ou 13 jogadores brasileiros para o projeto. Esse cara foi convidado para fazer o projeto no Cazaquistão, era um contrato de três anos e que financeiramente valia muito a pena. Disse para o empresário que iria, eu poderia levar uma comissão técnica com mais ou menos seis pessoas, mas chegou na hora e deu errado, o pessoal não se acertou. No entanto, essa oportunidade aceitaria, pois era uma proposta irrecusável, em todos os sentidos. Um projeto de longo prazo, o que é incomum no futebol; poder levar uma comissão técnica, não precisar ficar sozinho em um país estranho, levar família e com passagens. Então lastimei, no entanto em termos de Brasil, oportunidades aqui por perto não me entusiasmam.

P.J. – E em relação a nossa pesquisa, como te falei, tem algo que o senhor queira compartilhar sobre os Jogos Olímpicos, que nós não tenhamos perguntado?

I.W. – Os Jogos Olímpicos foram tão especial, que qualquer detalhe se torna especial. O fato de ter circulado pelo evento, ter tido a oportunidade de conhecer tantos atletas importantes, pessoas importantes. O que aconteceu quando fui para os EUA. Quando entrei nos EUA, entrei direto na *Major League Soccer*, pelos eventos, que já mencionei, da Adidas, me convidaram para morar nos EUA, ser o diretor técnico da Academia do Bollettieri, uma academia famosa que tem os esportes: Basebol, Tênis, Golfe e o Futebol que estava começando. Os EUA não é um país que paga muito, mas lá se têm o valor real do dinheiro, pois lá é dólar. Resolvi abrir mão daqui e ir para lá. Foi muito legal, porque o meu filho estudou lá, o do meio estava cursando Publicidade, trancou a matrícula, o dono do meu time (os clubes são franquias) conseguiu um estágio para ele em uma empresa de Miami. A academia era patrocinada pela Adidas, então a Adidas pegava os melhores atletas, patrocinados pela Adidas, e levava eles para academia. Lá tinha IPI – Instituto de Performance Internacional, os atletas patrocinados pela Adidas iam para lá, antes de se apresentar ao seu clube, para melhorar as suas deficiências, melhorar não, acabar com as deficiências e melhorar a performance. Na academia conheci Kobe Bryant que é jogador de Basquete, Anna Kournikova⁴¹ que morava lá, as irmãs Williams⁴², o Marcelo Ríos⁴³,

⁴¹ Anna Kournikova.

⁴² Serena Williams e Venus Williams.

Mary Pierce⁴⁴, a Mary Joe Fernández. Esses grandes atletas circulavam pela academia com a mesma simplicidade de um atleta desconhecido, esse é o espírito Olímpico. O Kobe Bryant apesar de ter o patrocínio da Adidas e ganhar milhões, comia no bandeirão⁴⁵. Isso é um exemplo de como deve ser o esporte. Tem tanta gente por aí que nem é “tudo” e tem uma “banca”, ostenta e acha que é melhor que os demais e pisa nos outros. O espírito Olímpico, que encontrei na academia, é uma lição de vida, porque tu podes ter dinheiro hoje, te achar melhor que o outro, mas amanhã ou depois iremos todos para o mesmo lugar. Ninguém é melhor que ninguém. Isso me marcou bastante.

P.J. – Tem alguma coisa da sua carreira, que nós não perguntamos, que o senhor gostaria de compartilhar?

I.W. – O mais marcante pra mim, resumidamente, é que quando eu era adolescente, quando alguém me perguntava o que queria ser na minha vida, diria qualquer coisa, menos jogador de futebol, mas fui. Terminei de jogar futebol e achei que tinha largado o futebol, nunca pensei que seria treinador, no entanto fui. Então o saldo de tudo foi positivo, porque não se resumiu a mim. Resumiu-se também ao que o futebol proporcionou para a minha família, através de viagens, conhecer cultura diferentes. Quando vivi no mundo Árabe, por exemplo, convivi muito com a sociedade Árabe, até em casamento Árabe fui. Convivi com a sociedade europeia, americana, asiática. Isso foi uma experiência de vida “fora de série”. Isso é o fato mais marcante de tudo. Isso tudo agradeço ao futebol, que foi algo inesperado, mas aconteceu. O futebol me deu todos esses benefícios. Não sou muito saudosista, acho que nunca peguei uma fotografia minha do esporte para mostrar para meu filho, tenho tanto material e nem sei onde a Lena⁴⁶ guardou. Uma vez um dos meus filhos me pediu que mostrasse a ele. Terei um dia que irei parar para ver onde é que se encontram esses materiais. A “vida passa”, a gente “vira a página”. Hoje sou espectador do futebol. As vezes até me convidam para participar de programas, não vou mais, até porque hoje não estou tão atualizado em relação aos jogos como estava antes de finalizar a minha carreira. Não irei a um programa para falar besteira, ou não ter conhecimento do que está acontecendo. Hoje eu estou feliz com a vida que estou levando. O que tenho para dizer a

⁴³ Marcelo Andrés Ríos Mayorga.

⁴⁴ Mary Caroline Pierce.

⁴⁵ Nome sujeito a confirmação.

⁴⁶ Nome sujeito a confirmação.

vocês é que me sinto privilegiado de ter sido procurado por vocês, de poder compartilhar alguma experiência de vida que tive. E queira ou não queira, ser convidado para participar de uma coisa que ficará na história do futebol, principalmente para nós aqui, é muito gratificante. Muito obrigado, fiquei orgulhoso pelo convite.

P.J – Nós é que agradecemos pela oportunidade de ouvir a sua história, da sua carreira e do Futebol. Colocamos o Centro de Memória à disposição e o senhor pode contar conosco.

I.W. – Muito obrigado e a mesma coisa digo para vocês. Quando precisarem estarei à disposição. Tu sabes que lembrei-me agora um fato engraçado que me aconteceu no futebol quando estava na Seleção Brasileira, na Copa América⁴⁷. Fui vendido para o Atlético de Madri pelo América e fui para Espanha, cheguei à Espanha, fizemos exames e me diagnosticaram como inapto para o futebol dizendo que eu tinha um problema cardíaco. Nisso, fui devolvido para o América. Ninguém do América me recepcionou embora fosse um jogador da Seleção Brasileira. Isso me causou muitos transtornos, porque fui dado como um cardiopata. Na época tive com o doutor do Grêmio, o doutor Eduardo de Rose⁴⁸, que é um dos fundadores do LAPEX⁴⁹. Ele foi meu médico no Grêmio e na Escola de Educação Física – ESEF. Ele se juntou com o Dr. Rubens Rodrigues, falaram com meu pai e me mandaram vir para o RS, disseram que era uma safadeza o que estavam fazendo comigo, porque os médicos que me diagnosticaram desconheciam a evolução cardiológica do atleta. E a mesma coisa hoje, por exemplo, tenho meu eletrocardiograma daquela época, tenho inversão de onda T. Se eu for a um médico que não tem nenhum conhecimento da área esportiva o mesmo dirá que sou cardiopata. E o que eu realmente tenho chama – se o coração de atleta. No ano passado corri 21 km, corri meia maratona. Então esse diagnóstico que me deram de cardiopata tinha um interesse por trás, queriam levar outros jogadores no meu lugar. A leitura de um eletrocardiograma é assim: as variações de onda devem ser de uma determinada maneira, quando faço um exercício, se elas não variam da maneira esperada, fazendo outro padrão aí sim seria um cardiopata. Convidaram-me para dar uma palestra no ano passado, no Instituto Gaúcho de Cardiologia, congresso nacional. Dei uma palestra sobre o que aconteceu em termos médicos nesse meu diagnóstico

⁴⁷ Competição entre as seleções de futebol das nações da Confederação Sul – Americana de Futebol – CONMEBOL.

⁴⁸ Eduardo Henrique de Rose.

⁴⁹ Laboratório de Pesquisa do Exercício.

errôneo. O Doutor Salvador⁵⁰ pegou meu eletrocardiograma como atleta daquela época e um atual. O eletrocardiograma atual é igual ao daquela época. Eu tenho 64 anos, mas a minha idade física de acordo com a interpretação do eletrocardiograma pelo médico é de 54 anos. Essa experiência de diagnóstico errôneo foi uma experiência, negativa, muito marcante na minha vida porque com meus 27 anos eu teria meu passe livre na Europa, iria jogar no Atlético Madrid dos meus 24 aos 27 anos e depois iria para onde quisesse. Isso sacrificou muito a minha família, porque depois voltei a jogar e as pessoas diziam assim: - “Ivo olha teu coração, tu vai morrer”. Tive que lutar contra isso e depois voltei para Seleção Brasileira e acabei vendido para o Palmeiras. Então foi algo que abalou muito a minha família e a mim. Imagina um atleta que vem de uma origem sem retaguarda familiar, e passa por isso que passei. Ele vai para a sarjeta, pode se envolver com drogas.

[FINAL DA ENTREVISTA]

⁵⁰ Nome sujeito à confirmação.